

O ARAUTO[®] DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO /
1 DE OUTUBRO DE 1980



European Nazarene
Bible College
Library

—Jorge de Barros

● Nos relatórios da polícia e na conversa de muita gente aumenta a frequência da expressão *fogo posto*. É que se popularizou este recurso usado para ludibriar companhias de seguros ou apagar vestígios de outros crimes.

Milhares de inocentes morrem cada ano, vítimas de incêndios provocados. Tais fogos se alastram depressa e, pelos produtos químicos que os alimentam, resistem à mangueira heróica dos bombeiros.

Lembro-me agora de brigas numa velha escola. À hora do recreio ou depois das aulas do dia, os amantes da discórdia aproveitavam a ausência de professores para atizarem guerras. Choviam então comentários irritantes. Repetiam-se ofensas, algumas em tom exagerado. Inventavam-se outras, para fazer explodir a caldeira da paciência ou a passividade de alunos avessos à desforra cobrada a murros e dentadas.

Quase sempre os atizadores conseguiram acender a fornalha do ódio. Então, eram elas! Misturados aos gritos histéricos dos assistentes, ouviam-se socos e insultos; arranhões ocasionais e lágrimas do menino derrotado marcavam mais um caso de *fogo posto*.

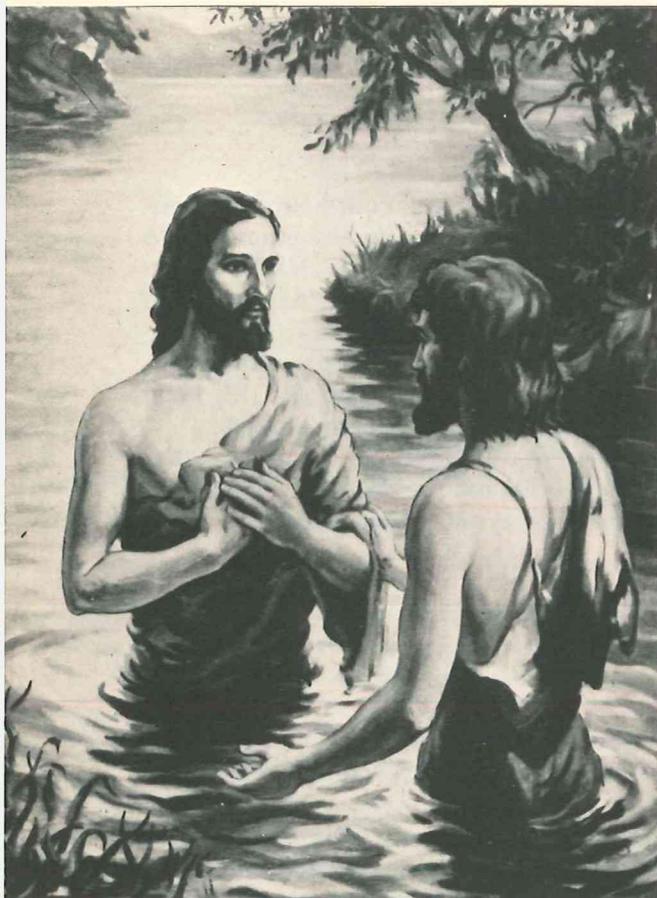
Gostaria de pensar que tais costumes morrem com a infância ou perdem cabeças, braços e rodas, como as bonecas e os carros com que brincam os meninos. Mas, pela frequência com que os vemos aqui e acolá, somos forçados a reconhecer que ainda vivem, embora sob o disfarce da civilidade ou a hipocrisia dum "simples reparo. . ."

O fogo posto pela língua é mais devorador que a pólvora dos que queimam estabelecimentos falidos. Nele há sempre vítimas humanas, por mais insignificante que nos pareça ser o "incêndio".

É por isso que a Bíblia nos acautela. Primeiro, dizendo-nos que "a língua é um fogo" (Tiago 3:6); também, lembrando-nos, em Provérbios 26:20, que na ausência de quem as estimule, as contendas morrem. A discórdia não tem energia própria: recebe-a da gasolina do mexerico.

A Igreja também precisa e — graças a Deus! — tem Bombeiros Voluntários: homens e mulheres, como Você, que decidiram dar combate sem tréguas ao *fogo posto*. □

Fogo Posto



Os Sacramentos

● Em várias igrejas se descuida a administração dos sacramentos. Infelizmente, as igrejas de santidade não constituem exceção. Há nazarenos não batizados. A Santa Ceia é celebrada ocasionalmente.

VERDADEIRO SIGNIFICADO DOS SACRAMENTOS

Historicamente, tomaram-se três posições quanto aos sacramentos:

1. Sob o ponto de vista *sacramental* — os sacramentos encerram a graça que significam; e, quando administrados, concedem graça independentemente da fé e preparação do candidato.

Assim o batismo, incluindo o de crianças, liberta da culpa do pecado e dá graça redentora. Ser batizado equivale a nascer do Espírito. Quando o sacerdote consagra o pão e o vinho tornam-se corpo e sangue de Jesus Cristo (tese defendida pela Igreja Católica e algumas outras).

Segundo essas igrejas, ao participar dos elementos come-se o corpo de Cristo e bebe-se o Seu sangue para a salvação da alma.

2. Sob o ponto de vista *racionalista* — os sacramentos são apenas ritos ou cerimônias simbólicas. O batismo representa a morte do penitente e sua ressurreição com Cristo, ou a purificação dos pecados. A Santa Ceia é uma cerimônia memorial da morte de Cristo; o pão e o vinho são meros símbolos. Nenhum dos sacramentos concede graça.

3. O terceiro ponto de vista é o *intermediário*. Procura preservar a parte da verdade que as duas posições anteriores contêm. A Igreja do Nazareno segue esta posição.

Vivemos num universo sacramental. Vemos espiritualmente como Deus está presente e actua em nós. Por isso cremos que, através da fé, a graça divina opera nos sacramentos. Estes não conferem automaticamente a salvação, mas convertem-se em canais de graça para quantos os recebem como Deus estabeleceu.

BATISMO

O sacramento do batismo não é optativo. O Senhor Jesus e Seus apóstolos ordenaram-no aos cristãos de todos os lugares e épocas. Na Igreja Primitiva não havia cristãos sem batismo. Logo que alguém aceitava Jesus Cristo como Salvador, era batizado. O batismo simbolizava fé, morte com Cristo para o pecado e ressurreição para uma nova vida.

Além disso, ele significava purificação dos pecados e incorporação nas fileiras dos redimidos. Os convertidos eram batizados “em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 6:23), como os israelitas o foram “em Moisés, na nuvem e no mar” (I Coríntios 10:2). No êxodo os israelitas ficaram sob a direcção de Moisés; no batismo ficamos sob o senhorio e autoridade de Cristo.

Em sentido mais profundo, pelo batismo o crente torna-se membro do corpo vivo de Cristo, morada do Espírito Santo: “Todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres” (I Coríntios 12:13).

De acordo com evidências históricas, o método do batismo praticado na Igreja Primitiva era o de *imersão*. Na doutrina dos doze após-



—William M. Greathouse
Superintendente Geral

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume IX

Número 19

1 de Outubro de 1980

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ISAAC ABUNDIS, Artista
CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

A SANTIDADE CRISTÃ AVANÇA



1980-85

tolos recomendava-se a imersão em “água viva” com a fórmula trinitária. O candidato era submergido três vezes: a primeira em nome do Pai; a segunda, do Filho; e a terceira, do Espírito Santo. Não havendo rio perto, usava-se outro lugar com água. À sua falta “derramava-se três vezes água sobre o batizando”.

Ao permitir que “o batismo seja administrado por aspersão, afusão ou imersão, segundo o desejo do candidato” (Manual, XIII, 19), a Igreja do Nazareno adapta-se o mais possível à prática apostólica.

Entretanto deve esclarecer-se que o batismo em si não é facultativo. Alguns pensam que o podem adiar indefinidamente. Mas quem não deseja ser batizado, desobedece a um mandamento do Novo Testamento.

SANTA CEIA

A Santa Ceia é o segundo sacramento neo-testamentário. Era um meio dos primeiros cristãos recordarem a morte de Cristo e a Sua presença contínua.

Por ele a Igreja lembra que a salvação não se adquire por meio de boas obras, mas pelo corpo partido e sangue derramado do Senhor Jesus (I Coríntios 11:26).

A Santa Ceia também se converte em *santa comunhão*, pois o Senhor está presente quando dois ou mais crentes se reúnem em Seu nome (I Coríntios 10:16). No grego a palavra *comunhão* empregada neste versículo é *koinonia*, que significa participação ou união com Jesus.

Se você não tem participado da mesa do Senhor, está a perder bênçãos preciosas. Não descuidemos este meio de graça na adoração pública da igreja.

Embora a Igreja Primitiva celebrasse a Santa Ceia todos os domingos, o Novo Testamento não menciona outros pormenores. Diz unicamente: “Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálix anunciais a morte do Senhor” (I Coríntios 11:26). Façamo-lo quantas vezes nos for possível e com a maior frequência. □



Comunhão— Tradição—Renovação

● Conheço quatro formas principais de ministrar a Santa Ceia.

1. Dois presbíteros lêem o formulário, consagram os elementos e servem-nos em turnos, à volta do altar.

2. Após a leitura do ritual e da consagração dos elementos, estes são oferecidos ao mesmo tempo a todas as pessoas presentes. Termina-se com oração.

3. A seguir à consagração dos elementos, a congregação divide-se em grupos: presbíteros, ministros licenciados, oficiais da igreja e demais crentes. O pão e o sumo de uva são servidos seguindo a mesma ordem de precedência.

4. Consagrados os elementos, distribui-se primeiro o pão e todos comem dele ao mesmo tempo; depois o cálice e todos bebem juntos. Finalmente canta-se um hino de dedicação e termina-se com oração.

Todas elas são modificações da forma tradicional de administrar a Santa Ceia.

Há pouco assisti a um retiro de pastores. Foi servida a Santa Ceia no primeiro culto. Leu-se a passagem bíblica e, após algumas palavras de introdução, os assistentes levantaram-se e formaram um rectângulo dentro do santuário simbolizando uma barreira defensiva.

Incorporado na fila, o que distribuía os elementos só saía para cumprir o seu ofício. Findo este, voltava à fila para todos juntos tomarem o pão e beberem o cálice.

O cerimonial da Santa Ceia presta-se a várias interpretações espirituais — formar círculo de unidade, organizar oposição ao inimigo, ter comunhão em igualdade de circunstâncias.

Também serve para robustecer a unidade e o bom entendimento entre os membros da família de Deus. A Ceia do Senhor não é apenas uma ordem, mas a maior herança que Cristo nos legou para recordar Seu ministério e Sua morte por nossos pecados.

Quando na sua igreja for celebrada a Santa Ceia, lembre-se de que a forma não é o mais importante, nem o local, nem a leitura bíblica, nem sequer a ordem dos participantes ou a postura do corpo. O que importa verdadeiramente é que haja comunhão com Deus e uns com os outros; que recordemos as bênçãos que Cristo nos alcançou na cruz; e que o nosso comportamento seja irrepreensível.

Na Igreja do Nazareno podem participar da mesa do Senhor todos os salvos, sem olhar a que denominação evangélica pertençam.

O Manual (XIV, 20) diz: "Sendo a festa da Comunhão, somente aqueles que têm fé em Cristo e amor pelos irmãos devem ser convidados a participar dela". É, pois, um privilégio do cristão redimido participar sempre que possível da mesa do Senhor. □



A handwritten signature in dark ink, appearing to be 'H. Key'.

—John C. Bowling

Conhecidos Por Sua Fé

● “Primeiramente dou graças ao meu Deus, por Jesus Cristo, acerca de vós todos, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé” (Romanos 1:8).

Na história do Cristianismo tem havido muitos exemplos de *fé individual*. O capítulo 11 de Hebreus apresenta uma série de homens e mulheres que se distinguiram por sua fé: Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Josué, Raabe e outros.

Entretanto, havia em Roma um grupo de cristãos cuja fé era conhecida em todo o mundo. Circunstância rara! O Novo Testamento registra apenas outro caso em que a fé duma comunidade se espalhou pelo estrangeiro. O apóstolo Paulo escreveu à igreja de Tessalónica: “De maneira que fostes exemplo para todos os fiéis. . . porque por vós soou a palavra do Senhor, não somente na Macedónia e Acaia, mas também, em todos os lugares, a vossa fé para com Deus se espalhou, de tal maneira, que já dela não temos necessidade de falar coisa alguma” (I Tessalonicenses 1:7-8).

A palavra *fé* recebe, por vezes, definição vaga e falsa. A fé consiste em crer na Palavra de Deus e agir de acordo com ela.

Não se restringe a atitude passiva ou indiferente. É crer que Deus aceitará nossos esforços, sem olhar a que sejam inadequados, e os multiplicará como Cristo fez com os pães e os peixes.

Alguns confundem fé com crença. A fé é mais do que simples crença. Por exemplo, você pode atravessar de automóvel uma ponte, que conhece, a certa velocidade. Não é a fé que o ajuda a passar o rio, mas a ponte. Suponhamos que, durante uma noite de tempestade, os alicerces da ponte ruíram. No dia seguinte você conduzirá o carro com a mesma fé, mas a ponte cairá por falta de suporte. Para

que a fé tenha valor precisa de alicerce sólido: nosso Senhor Jesus Cristo.

Em cidade desconhecida é necessário pedir informações para se chegar a qualquer lugar. Seguindo a explicação da pessoa que nos informou, acharemos o caminho pretendido.

A fé em Deus é algo semelhante. Perdidos no meio da ansiedade, o Senhor nos encaminha e conforta. Sem nada a nosso favor, Ele providencia a remissão de pecados pelo sangue de Jesus Cristo. Procedamos, pois, de acordo com a fé e sigamos o caminho que Deus nos indica.

Por vezes, o mundo não mostra interesse pela igreja, porque ela é hoje famosa por muitas coisas, menos por sua fé.

Há igrejas célebres pela arquitectura, sumptuosidade, vitrais, posição social dos membros ou eloquência e poder carismático do pastor.

Outras são conhecidas por seu fanatismo, truques publicitários e actividades sócio-económicas.

Deus não prometeu abençoar grandes edifícios — embora atraentes — nem programas ou estruturas, mas a Sua Palavra. As igrejas que obedecem à Palavra de Deus são abençoadas.

Um centro de fé consta de pessoas fiéis à Palavra de Deus. E haverá bênção “onde estiverem dois ou três reunidos no nome do Senhor” (Mateus 19:20).

A fé deve basear-se na revelação da Palavra de Deus. À medida que andamos com Cristo, ela se fortalecerá e os nossos esforços se multiplicarão. “Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo” (Filipenses 1:6).

Sejamos pessoas de fé simples. Abandonemos as incertezas do mundo e aceitemos, como centro da nossa vida, o Senhor Jesus Cristo. □

Unidade de Espírito



—Joaquim A. Lima*

● “Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum” (Actos 4:32).

Este versículo define, de maneira extraordinária, o espírito dominante da família de Deus nos primeiros dias da Igreja Cristã.

Tudo lhes era comum; e isto implica ideia de comunhão. Todos estavam envolvidos por um único espírito: o Espírito de Amor, de Santidade e de Consagração. Todos possuíam tudo. Que bela comunhão! Havia interesse recíproco em todas as coisas.

Ninguém era suficientemente rico ou senhor, que não precisasse fazer algo; e ninguém tão pobre ou servil que tivesse de fazer tudo.

Ninguém era tão auto-suficiente que não precisasse de outros; como também ninguém tão submisso que se tornasse escravo. Todos se encontravam envolvidos na mesma causa: Jesus Cristo, o Messias. A Igreja despontava empenhada e motivada pelo mesmo Espírito.

Todos participavam igualmente, no partir do pão, bem como no trabalho e nas responsabilidades, a ponto de constituírem um só coração e alma.

Com tal espírito, a Igreja crescia, tinha poder, operava maravilhas e era vitoriosa, pois estava perfeitamente identificada com nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Mas o segredo residia na comunhão: harmonia de princípios, mesmos ideais, unidade de fé e forças que convergiam para um objetivo comum.

Procuremos experimentar o método ou o espírito da Igreja Primitiva. Unamos esforços, talentos e conceitos. Trabalhemos juntos. Participemos da mesma mesa do Senhor, dos mesmos alimentos. Cooperemos uns com os outros, tendo em vista o mesmo fim — glorificar a Deus. Consideremos a Escola Dominical, a Juventude, a Sociedade Missionária e a própria igreja, comuns a todos nós. Compartilhemos bênçãos e dividamos responsabilidades. Nada é meu exclusivamente, mas faz parte de mim tudo o que se relacione com a obra do Senhor. Tenhamos o mesmo espírito — de trabalho, de consagração, de amor à obra de Deus, de paixão pelas almas perdidas. Este deve ser o nosso alvo: COMUNHÃO total, participação total, vida intensa e abundante. Que o Senhor da Igreja nos encha a todos com o Seu Espírito. □

*Campinas, Brasil

● H. Luccock conta o seguinte acerca da construção dum edifício destinado aos correios centrais duma cidade. Quando ele estava pronto a ser inaugurado, descobriu-se que não tinha aberturas para as caixas de correio. O arquitecto esquecera-se de as incluir no seu projecto.

Não é possível conceber um prédio para o correio sem caixas para as cartas. Também não é concebível uma verdadeira vida cristã sem amor.

Paulo disse: "O fim do mandamento é o amor" (I Timóteo 1:5). O amor é indispensável na vida do cristão.

O mundo contemporâneo proclama a necessidade do amor. Os políticos firmam nele a solução de muitos problemas. As canções populares apelam para as diversas facetas do amor.

Mas onde se encontrará o amor de que se fala e canta?

David Augsburguer relata o caso dum jovem que pediu a mão dum moço. No intuito de mostrar quanto a amava, disse: "Não sou rico, nem tenho automóvel ou barco de luxo como meu amigo Jerónimo, mas amo-te muito!" Após alguns momentos de silêncio, a moço declarou: "Eu também te amo; mas, poderia saber algo mais acerca do teu amigo Jerónimo?"

Muitas vezes os jovens concebem o amor sem o envolvimento total. Todavia, o amor cristão exige consagração completa ao Senhor Jesus — alma, coração, mente e forças.

Em I Timóteo 1:5, Paulo descreve a base ou fundamento do amor cristão. Assim como as naves espaciais precisam de rampa de lançamento para se elevarem e entrarem em órbita, também o amor cristão tem a sua "rampa de lançamento": "Ora o fim do mandamento é o amor de um coração puro, e de uma boa consciência e de uma fé não fingida".

Antes do coração poder amar, no sentido pleno da palavra, deve ser purificado. O que se obtem, segundo o apóstolo Paulo, pela fé (Actos 15:8-9). O Espírito Santo é amor e não actua em corações egoístas ou manchados pelo pecado.

Paulo declara que o amor deve brotar "de uma fé não fingida". A confiança em Deus é essencial na nossa peregrinação para o céu. Se amamos verdadeiramente, tenhamos fé em Deus, que é Amor, e Se manifestou em Jesus Cristo.

Amar significa confiar plenamente em Deus, cujo Filho, Jesus Cristo, nos assegura que o amor triunfará sobre todas as coisas. A fé nos sustera em momentos difíceis, quando o nosso amor for rejeitado e espezinhado; ela permitirá que Deus opere em nós e através de nós para perdoar, reconciliar e salvar o homem perdido.

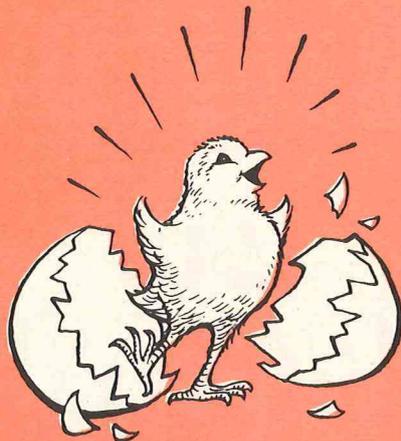
O apóstolo Paulo ainda acrescenta que o amor cristão deve proceder "de uma boa consciência" e estar irmanado com a ética.

A boa consciência oferece ao amor uma base segura. Ajuda o crente a viver segundo o Espírito e a agir com integridade. Por ela é que o Espírito Santo nos dirige nas decisões da vida.

Deram 30 minutos ao general Dean, capturado por tropas inimigas, para escrever à família as últimas palavras. Consciente da limitação do tempo, escreveu ao filho: "A integridade caracterize em tudo a tua vida". Entre os cristãos, é indispensável a integridade no amor. A nobreza do nosso — nascido de um coração puro e de uma boa consciência — demonstrará que somos filhos de Deus. □

—M. McCullough

A Base do Amor



Um NOVO Mandamento

—Acácio Pereira

• “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis” (João 13:34).

O ambiente em que Jesus pronunciou estas palavras foi o mais grave e solene. Acabava de confraternizar pela última vez com Seus discípulos. Chegara a Páscoa em que Ele seria o Cordeiro a imolar. Em comunhão íntima de sentimentos, o Mestre, cingido de toalha, ajoelhou à frente de cada discípulo e começou a lavar-lhe os pés. Acto simbólico de mútua identificação: “Se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis, também, lavar os pés uns dos outros” (João 13:14).

Neste espírito de humildade e de amor, o apóstolo João escreveu a primeira carta. Pressupõe que os leitores conheçam as Escrituras, pois afirma, sem rodeios, que Deus é luz e que a origem das trevas é o ódio. Mas acrescenta imediatamente que o princípio da luz é o amor. Relaciona a luz com o amor. Em I João 1:5 lemos: “E esta é a mensagem que dele ouvimos e vos anunciamos: que

Deus é luz e não há nele trevas nenhuma”.

Quem segue a Cristo deixará as trevas para andar na luz da graça de Deus. No versículo sete do mesmo capítulo, nota-se a projecção da luz divina a iluminar o plano humano: “Se andarmos na luz, temos comunhão uns com os outros”.

O móbil da união fraterna é o amor que provém da luz. Não o amor humano — tantas vezes interesseiro e ambíguo — mas o divino, o *ágape* sagrado, que “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (I Coríntios 13:7); amor que ultrapassa a mente humana, porquanto tem a sua origem em Deus e foi derramado por Jesus Cristo em nossos corações. Sem barreiras, sem condições e sem preço, o amor divino transcende a inteligência mais perspicaz.

Pascal confessou que “a maior descoberta da sua vida fora reconhecer que Deus não é o Deus idealizado por filósofos e cientistas, mas o Deus de amor que Se revelou a Abraão, Isaque e Jacó; o Pai de Jesus Cristo”. Trata-se de mistério inacessível ao homem — mas revelado por Deus e aceite

pela fé. Por Jesus Cristo temos acesso ao Pai e comunhão uns com os outros.

A verdadeira vida encontra-se em Jesus. Mas, poderemos andar na santidade de Deus e não ter comunhão com os irmãos?

A resposta baseia-se na última parte de I João 1:7 — “E o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado”. Para andarmos na luz, sermos santificados e termos comunhão uns com os outros, precisamos, primeiramente, de ser perdoados dos nossos pecados. E isso, só através do sangue de Jesus. “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo” (I João 2:1-2). Quanto mais formos de Deus, mais nos daremos aos irmãos.

Porém, essa dádiva implica andar de acordo com o mandamento de Jesus, íntima união com Ele e generosidade em amar. Tere-mos, assim, mútua compreensão e concórdia no lar, no trabalho, na igreja e no convívio social. “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros”. □

DIMENSÕES DA ORAÇÃO

- A libertação do missionário nazareno Armando Doll duma prisão africana recordou-me um dos recursos mais eficazes do ministério cristão e das missões: a oração.

Sempre o foi, mas em certas ocasiões esquecemo-nos das possibilidades que Deus colocou à nossa disposição. A oração é a mais poderosa. Charles Steinmetz, cientista de fama, declarou que "a maior área a investigar e a descobrir é a oração, a força mais potente do mundo".

Deus nem sempre responde do *modo* e no *tempo* que nós queremos. Por exemplo, Hugh Friberg, companheiro de prisão de Armando Doll, foi posto em liberdade meses antes.

Consciente da sua responsabilidade missionária, a igreja de Antioquia (Actos 13) manifestou várias dimensões da oração:

1. **Oração em acção.** A igreja compreendeu a vontade de Deus quando jejuou e orou. A nossa geração necessita de orar mais para servir melhor. O Dr. S. Chapman escreveu: "A única coisa que você pode fazer é orar".

2. **Oração — diálogo.** A verdadeira oração não consiste apenas em falar, mas também em escutar. É um diálogo do homem com Deus. A sociedade actual levada pelos motivos e pelos resultados. Por isso, muitas vezes, não consegue ouvir.

3. **Obediência — o amém da oração.** Coisas maravilhosas começaram a acontecer quando a igreja enviou Saulo e Barnabé; quando os cristãos seguiram a direcção do Espírito Santo; e quando os missionários obedeceram à voz de Deus.

4. **Oração e simbolismos.** A imposição das mãos sobre os enviados representava a sua consagração e aceitação da responsabilidade quanto ao êxito ou fracasso da empresa missionária.

Deus nos ajude a investigar as possibilidades da oração no laboratório da experiência humana. □

—N. E. Hightower

O Rótulo Que Ninguém Usa

● Nos letreiros de igrejas tenho visto algumas vezes a inscrição: "Igreja amável". É um bom rótulo, quando verdadeiro; e devia-o ser em todas as nossas igrejas. Quem busca amigos, é nos templos que os devia encontrar.

Há igrejas que proclamam não em letreiros, mas na teologia, que "são as verdadeiras". Crêem sinceramente que são as únicas igrejas verdadeiras de Jesus Cristo e que as outras são falsas. Há anos, um homem disse-me: "Vocês, nazarenos, pensam ser os únicos a ir para o céu". Assegurei-lhe que ele estava enganado e disse-lhe que me sentiria feliz se soubesse que todos os nazarenos se encaminham para o céu.

Entretanto, há uma inscrição que nenhuma igreja se atreve a usar. Nunca vi legenda, rótulo ou anúncio que dissesse: "Uma igreja perfeita". Não existe, nem existirá, antes da ressurreição e da entrada no céu.

Mesmo se houvesse alguma, não a reconheceríamos. Somos tão imperfeitos que não conseguiríamos descobrir a perfeição. Foi o que aconteceu no tempo de Jesus. Ele era perfeito, mas "veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (João 1:11). A própria família pensou que Jesus "estava fora de si", que era um doente mental. Os inimigos acusaram-no de ser glutão, amigo de publicanos e possesso de demónios. Seus discípulos duvidaram, por vezes, da Sua sabedoria e amor; interpretaram mal as Suas palavras e acções. O que não nos surpreende. Toda a humanidade se encontrava corruta, incapaz de discernir o bem.

Se houvesse alguma igreja perfeita, deixaria de o ser ao unir-nos a ela! Realmente não somos o que devíamos. Podemos dizer que, pela graça de Deus, somos diferentes, mas longe do alvo a atingir.

Certa ocasião um pregador pediu que se levantasse quem se julgasse perfeito ou conhecesse alguém que o fosse. Levantou-se um homem que disse: "Durante anos tenho-o ouvido dizer do primeiro marido de minha esposa". Não importa o amor com que nos amemos; a verdade, porém, é que somos incompletos, muito imperfeitos.

A respeito da imperfeição da igreja, apresento três simples observações:

1. A imperfeição da igreja não é desculpa para se faltar à adoração a Deus. A Bíblia diz que Jesus ia à sinagoga, apesar de lá encontrar hipócritas e inimigos. Ele queria estar na casa de Deus no dia da adoração e não consentia que a maldade de outras pessoas O afastasse. Não procuremos ser mais religiosos que Jesus! O Seu exemplo é o nosso guia. Alegar o defeito de pessoas como desculpa para faltar à igreja é uma forma extravagante de hipocrisia.

2. A imperfeição da igreja deve levar-nos ao arrependimento. Quem se compara com outras pessoas, especialmente de reputação duvidosa, pode bem orar: "Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano" (Lucas 18:11). Mas o que se examina à luz da presença de Deus, dirá: "Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador" (Lucas 18:13). A diferença entre o que somos e o que devíamos ser é suficientemente grande para nos manter humildes e contritos. As faltas da igreja ajudam-nos a dominar o orgulho e lembram-nos que somos criaturas fracas e sujeitas continuamente à misericórdia de Deus.

3. A imperfeição da igreja deve desafiar-nos ao crescimento moral e espiritual. Não sendo perfeitos, sentimo-nos descontentes com a imperfeição! Esforcemo-nos por melhorar as nossas qualidades morais. Examinemo-nos, disciplinemo-nos e modifiquemo-nos, se necessário. Contentar-se com a situação presente, significaria tragédia espiritual. A igreja precisa de orar constantemente: "Senhor, aceita-nos como somos e torna-nos como devemos ser". □

—W. E. McCumber

Requisitos da Comunhão

● Qualquer congregação pode cair na mesma degeneração moral em que se encontrava a igreja de Corinto.

Em duas de suas epístolas, o apóstolo Paulo procurou corrigir problemas: divisões, invejas, contendas, orgulho, idolatria, carnalidade, culto de demónios, legalismo, questões matrimoniais, falta de modéstia, de amor, de responsabilidade nos compromissos e má interpretação dos dons espirituais.

Perante estas manifestações da natureza corrompida, o Apóstolo estabeleceu certos requisitos básicos (I Coríntios 10:11) para quantos desejam ter comunhão à volta da mesa do Senhor:



FÉ

Esta é condição fundamental. Sem a salvação pela fé não se deve participar na Ceia do Senhor. É uma celebração instituída por Jesus Cristo, própria para o Seu povo.



REVERÊNCIA

Aquele que se aproxima da mesa do Senhor deve possuir profundo respeito pelas coisas sagradas. Trata-se de íntima união com Deus e com o próximo.



HUMILDADE

A humildade e a contrição fazem parte da bagagem que nos deve acompanhar a acto tão solene. Não há lugar na mesa do Senhor para aqueles que carecem destas virtudes.



GRATIDÃO

A ingratidão é característica do paganismo. Os que pertencemos ao Senhor sentimos necessidade de ser gratos. Mas a gratidão não subsistirá sem se manifestar.



MEDITAÇÃO

O exame de consciência ou meditação sobre os motivos, as acções e a comunhão com Deus e com o próximo é essencial na vida diária. Deve sempre anteceder a participação na Santa Ceia.



RECONCILIAÇÃO

“Vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta” (Mateus 5:24). Antes de se participar no banquete de comunhão fraterna, toda a barreira de ódio e má compreensão deve desaparecer. A reconciliação com o próximo é sublime, quando somos nós a dar o primeiro passo. Sejamos humildes ao fazê-lo.



AMOR DE DEUS

Neste requisito encontra-se o amor *de* e o amor *a* Deus. Foi por amor que Deus enviou Seu Filho ao mundo. O amor deve caracterizar quantos se reúnem à volta da mesa do Senhor.

O apóstolo Paulo mostra claramente a seriedade e a preparação requeridas na Santa Ceia. “Não podeis beber o cálix do Senhor e o cálix dos demónios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demónios” (I Coríntios 10:21).

Que a nossa comunhão seja sempre o mais santa possível. Ofereçamo-nos a Deus em completa consagração. □

—Fletcher Spruce

Façamos as Pazes!



—Cecil R. Paul

● O problema do pecado pode ser definido e ilustrado como ruptura de relações. Foi ele que levou o homem a separar-se de Deus e a perder a plenitude espiritual. O poder do pecado se manifesta nas promessas desfeitas e na desunião entre os homens. Também, no afastamento de Deus.

O Evangelho procura desfazer este agravo. Deus proveu a melhor solução através de Seu Filho: "Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Isaías 53:5).

Jesus fez a introdução do Seu ministério com as palavras do profeta Isaías: "O Espírito Santo é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor" (Lucas 4:18-19).

O Evangelho de Lucas apresenta o restabelecimento operado por Deus nos diversos aspectos da tragédia humana. Cristo curou leprosos, paralíticos, cegos, possessos e outros que lutavam contra o pecado e a doença. As palavras e toque de Jesus restauravam corpos enfermos, almas despedaçadas e amizades desfeitas.

A mensagem do Mestre é clara: procurar o homem onde quer que se encontre — junto ao poço de Jacó, nas valetas das estradas, ferido pelas pedras dos acusadores ou banido da sociedade. Jesus demonstra verdadeiro interesse por todos.

Ele convidou os discípulos a participarem no ministério de ajuda ao necessitado. "E, convocando os seus doze apóstolos, deu-lhes virtude e poder sobre todos os demónios, e para curarem enfermidades; e enviou-os a pregar o reino de Deus, e a curar enfermos... E, saindo eles, percorreram todas as aldeias, anunciando o evangelho, e fazendo curas por toda a parte" (Lucas 9: 1-2, 6).

O propósito da cura divina é amplo e profundo. Abarca o homem total. Não se limita às doenças físicas, atinge "os de coração quebrantado". Jesus também nos envia a proclamar o poder do amor entre relações desfeitas (separações, divórcios). Sobretudo, a nossa tarefa é encaminhar-nos para Deus que cura e reconcilia o indivíduo consigo mesmo.

Na Igreja Primitiva a comunhão entre os irmãos foi diversas vezes ameaçada. O apóstolo Paulo, consciente do perigo da ruptura de relações, desafiou a igreja a uma vida digna do nome de Jesus Cristo. As divisões e contendas prejudicavam a obra do Senhor. Nas epístolas aos coríntios e aos gálatas, o Apóstolo manifesta a sua preocupação.

Declarou abertamente que a divisão proveniente da diferença étnica ou social devia desaparecer. Cristo deseja entre todos boa comunhão baseada na misericórdia, benignidade, humildade mansidão e paciência. São qualidades características duma vida cheia do Espírito Santo. Paulo apresenta os princípios fundamentais para o estabelecimento das relações humanas: "Suportando-vos uns aos outros, e perdoadando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós, também" (Colossenses 3:13). O amor é o vínculo da perfeição.

A melhor evidência da fé provém da comunhão de doutrina, exortação e louvor a Deus com hinos e cânticos espirituais (Colossenses 3:14-16). O corpo de Cristo está unido pelo poder da graça, do amor, do perdão e da mútua condescendência. Paulo aplicou a mensagem da reconciliação aos laços que devem existir na comunidade, na família e no matrimónio.

Sem o poder que actua em nós, individual e colectivamente, o testemunho torna-se quase nulo. O ministério de estabelecer relações arruinadas perderá seu objectivo se antes não resolvermos os nossos próprios problemas. Sem curarmos as nossas feridas e dissensões, pouco podemos fazer. Só a graça reconciliadora de Jesus nos pode unir em verdadeira comunhão. □

● A santidade é tema predominante na Bíblia. Certo evangelista contou que uma senhora tentara excluir da sua Bíblia a palavra santidade. Não tinha fé nela. Começou em Génesis e encontrou a passagem em que Deus disse a Abraão: "Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em minha presença e sê perfeito" (17:1). Então ela comentou: "Ser perfeito pressupõe santidade"; e arrancou da Bíblia o livro de Génesis. Ao ler Êxodo, deparou com vários versículos que narram como Deus exigia que Israel fosse uma nação santa. Por isso, também tirou da Bíblia o livro de Êxodo. Depois passou aos livros seguintes e também lhes sucedeu o mesmo. A senhora acabou por ficar apenas com as capas na mão. Então pensou usá-las para outro fim, mas ao reparar no título "Bíblia Sagrada", atirou-as fora.

A santidade é doutrina bíblica e, como tal, resposta às necessidades espirituais do homem. O pecado é a causa da desgraça; a salvação é o remédio. A natureza humana encontra-se depravada, mas há cura na graça redentora de Cristo. Onde abunda o pecado, superabunda a graça. A salvação liberta-nos do pecado e aproxima-nos de Deus.

Nas Escrituras, de acordo com o poder da graça redentora, a inteira santificação está baseada na expiação de Jesus Cristo. "Se o sangue dos touros e bodes, e a cinza de uma novilha, esparzida sobre os imundos, os santifica, quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo, imaculado, a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?" (Hebreus 9:13-14).

A santificação obtem-se por fé e não por obras; e é para esta vida. O Dr. J. G. Jefferies disse: "Cristo é o centro de toda a circunferência e a circunferência de todo o centro". Quer dizer que a santidade é o centro e a circunferência da doutrina cristã. É a essência da graça, o climax da expiação, a vitória da fé, a glória da cruz, o triunfo da tumba vazia, o penhor da nossa herança e o selo do Espírito.

A santidade resulta da graça e satisfaz uma necessidade premente no coração do indivíduo. No Éden a queda de Adão tornou o homem pecador por natureza; mas na vida prática entra em acção a sua livre vontade. Jesus Cristo veio a este mundo para expiar tanto as transgressões voluntárias como

W. C. McKay



Porque Tanta Ênfase a Doutrina de Santidade?

as herdadas. João Batista apresentou Jesus como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e que batizaria com o Espírito Santo (João 1:19-33).

A erradicação do pecado e a plenitude do Espírito Santo são inerentes à vida de santidade. O pecador precisa do perdão e da purificação. Deus proveu essa necessidade com duas obras da graça: 1) regeneração ou novo nascimento — os pecados são perdoados e o pecador é justificado perante Deus; 2) santificação — o pecado é erradicado e a vida é cheia do Espírito Santo.

No primeiro caso somos perdoados dos actos pecaminosos. No segundo, somos inteiramente santificados pela purificação da natureza pecaminosa e pela participação da natureza divina.

Em várias passagens bíblicas se menciona a urgência de buscar a perfeição; ora-se nelas pela inteira santificação e comunhão com Deus (Hebreus 12:6-10).

A graça não só provê santidade, mas também prepara o homem para a receber. Se ele tem fome e sede de justiça, será saciado (Mateus 5:6); se deseja ver o Senhor, o seu coração será santificado (Hebreus 12:14); o seu corpo, transformado em templo do Espírito Santo (II Coríntios 6:16); e o amor divino flui da sua vida, como de fonte cristalina (Romanos 5:5). A santidade deve ser experiência vivida pelos cristãos. É desejo inato na alma dos filhos de Deus, uma força unificadora da Igreja.

O apóstolo Paulo atribuiu à carnalidade as divisões e as lutas existentes na igreja de Corinto (I Coríntios 3:1-3).

Em oposição a essa atitude, Jesus se referiu à importância da unidade. Na Sua oração sacerdotal orou para que os discípulos fossem santificados e unidos (João 17:19-20). A carnalidade é a raiz das desordens e da falta de poder espiritual. Incita a usar métodos fraudulentos. Conduz a igreja a falsas doutrinas. Impede a unidade entre os crentes e instiga à revolta contra a lei divina.

Cristo entregou-Se pela Igreja para que ela fosse santa, sem mácula, cheia de poder espiritual na luta contra Satanás. Não pode haver companheirismo nem harmonia entre o pecado e a santidade. Se desejamos paz e unidade na igreja, afastemos o pecado do seu seio para que reine a santidade.

Ela convencerá o cristão a percorrer a segunda milha, pois despertará nele o desejo de amar e de fazer bem às outras pessoas. A santidade traz ao coração uma centelha do amor divino. Torna genuíno o testemunho, alegre o serviço e fervorosas as orações. Fortalece a fé e a esperança. Ajuda a igreja a crescer. Concede asas aos mensageiras da paz e aos conquistadores do mundo para Cristo.

A igreja permanecerá unida se pregarmos e, sobretudo, vivermos a doutrina da santidade. Sejam cooperadores de Deus e embaixadores de Jesus Cristo. □

Bênçãos de Deus Através de Cristo

Efésios 1:3-10

1. A salvação é por iniciativa divina. Não é obra humana.
2. O plano de salvação existe desde antes da fundação do mundo. E permanece o mesmo, sem alteração.
3. No centro deste plano está Cristo. Estar em Cristo é fazer parte do plano. Também foi estabelecido antes da fundação do mundo. Estar em Cristo é ser filho de Deus.
4. O propósito divino em relação aos Seus filhos é que sejam santos e sem mácula diante d'Ele. Por isso, nos deu graça superabundante e conhecimento do plano secreto da Sua vontade.
5. Por este conhecimento vemos que a última meta do plano divino é a harmonia de tudo em Cristo, isto é, a união sob Cristo de tudo quanto existe no céu e na terra.
6. Nesta confiança vivemos, de que o plano de Deus se cumprirá e de que faremos parte da sua grandeza, da eterna obra de Deus. □

—Paul M. Bassett

“Se andarmos na luz, como Ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.”

—I João 1:7



Dê a sua revista favorita a seus amigos favoritos

O ARAUTO DA SANTIDADE

Preencha, recorte e envie à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES



Nome _____
Endereço _____

Nome _____
Endereço _____

Nome _____
Endereço _____

Nome _____
Endereço _____

E.U.A.
P.O. Box 527
Kansas City, Missouri 64141

BRASIL
C.P. 1008
13.100-CAMPINAS, SP

CABO VERDE
C.P. 60
Mindelo, S. Vicente

PORTUGAL
R. Castilho, 209, 5º. E.
Lisboa 1

Assinatura anual—24 números—US\$2.00